

---

## “O SEGREDO”, DE LUIZ RUFFATO: UMA HISTÓRIA DE ERRÂNCIA E SOLIDÃO

Virgínia Aparecida Ramos Filgueiras  
Orientadora: Lúcia Helena  
Doutoranda

### RESUMO

Refletir sobre as ruínas da condição humana parece não ser capacidade inerente a todo ser humano. A ficção, não como reflexo da realidade mas como terreno profícuo ao encontro da linguagem com as relações sociais, oferece uma oportunidade a essa reflexão a partir do trabalho crítico de muitos escritores e seu compromisso social com a história de seu país e seu mundo. Dessa forma, não adotando o paradigma da influência, nossa proposta é aproximar a temática de “O segredo” – última história de *Mama, son tanto felice*, primeiro volume da pentalogia *Inferno provisório*, de Luiz Ruffato (*corpus* central de nossa tese) – aos temas expressos em *Vidas secas*, *A hora da estrela*, *Vida e época de Michael K.* e *O processo*. Embora seja o exame de uma única história, percebe-se o caráter universal da narrativa de Ruffato que, neste texto, traça o perfil do Professor Francisco Pretti, personagem humilde, errante, desagregado (distante da família em função do “conhecimento” adquirido), solitário, enigmático, perseguido e prisioneiro de si mesmo: características diluídas, em maiores ou menores proporções, em Fabiano, Macabea, Michael K. e Josef K.. Com base nos estudos de Walter Benjamim e Lucia Helena, alcançamos uma melhor compreensão acerca da falta de adaptação dessas personagens, oprimidas pelos poderes instituídos na modernidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ruffato, conhecimento, desagregação, condição humana.

Em “Estranhos no ninho”, o décimo capítulo de *Ficções do desassossego* (2010), Lucia Helena aproxima obras afins de Jonh Maxwell Coetzee, Clarice Lispector, Graciliano Ramos e Franz Kafka, embora estejam distantes no tempo e no espaço. Seguindo o paradigma de reflexão e visão de mundo (e não de influência), nossa proposta neste trabalho é acrescentar Luiz Ruffato a esta “família”, melhor dizendo, é articular o parentesco do Professor Francisco Pretti com Michael K., Macabea, Fabiano e Josef K..

Professor Francisco Pretti, Chico ou apenas Professor (sempre com *P* maiúsculo) é o protagonista de “O segredo”, a última história de *Mamma, son tanto felice* – primeiro volume da pentalogia *Inferno provisório*. A história é fragmentada em vinte e cinco partes e cabe ao leitor reconstruir a trajetória de vida de Francisco – um dos onze filhos de uma família que vivia em uma pequena fazenda localizada na Bagagem, próximo a Rodeiro (cidade da Zona da Mata Mineira), e herdada dos avós paternos, pessoas brutas e simples. Os pais de Francisco eram analfabetos: o pai um “sujeito xucro, de trato difícil, sempre desconfiado” (RUFFATO, 2005, p. 134); já a mãe, calada, amiga, divertida, sensível e de alma grande. Ainda, de acordo com o protagonista (como se o Professor estivesse contando sua história para um interlocutor não definido), a família era feliz a sua maneira; aos domingos, iam à missa (a mãe e os filhos mais novos na charrete e o mais velho na bicicleta):

Éramos pobres, pobres mesmo!: (...) E, no entanto, éramos felizes! Sim, felizes, porque a felicidade é a ignorância... O homem que não conhece, esse o homem feliz. O conhecimento é a cobra que criamos para nos picar... É o muro que nos aparta para sempre da felicidade... Ah!, nós éramos tão felizes naquela época! Meu pai se escondia atrás de sua sisudez... Pareceu-me sempre que seu único objetivo era levar a bom termo sua travessia para a outra margem, torcendo para que nada de extraordinário acontecesse, para que tudo terminasse logo... Os filhos eram parte desse trato com Deus, algo tão corriqueiro quanto a chuva no verão e o frio no inverno. Assim como a boneca do milho floresce ou a rama de arroz pendoa, os filhos nascem. E assim como se ceifa o arroz e se debulha a espiga de milho, criam-se os filhos... (Idem, p. 134-135)

Esse tipo de gênese da família de Francisco e essas lembranças da infância constituem a nona parte da história. Com a família, vivendo da agricultura de subsistência, Francisco se considerava um ser feliz (final do fragmento): “Éramos...tão inocentes... Tão ignorantes... Tão... felizes... Ah!, os tempos felizes da minha miséria... ([sic]” (Ibidem, p. 136). A nítida relação entre ignorância *versus* conhecimento é apresentada em forma de clichês, metáfora e comparação como vimos na penúltima citação. Quanto ao trato com Deus, o objetivo era levar sua “travessia até outra

margem”, sem imprevistos, até que tudo terminasse e o pai ficasse livre das suas obrigações com a família. Além de demonstrar a vontade do pai de aliviar o fardo dos ombros, a citação expressa também uma nuance de determinismo, pois, segundo o protagonista, o pai comparava a criação dos filhos a algo corriqueiro como o cair da chuva no verão e o esfriar no inverno. Assim, a natureza se mistura e muitas vezes se confunde com a cultura. Nesta perspectiva, não se considera o livre-arbítrio, não há interferência do ser humano na condução de sua vida; o destino se encarrega das providências.

De fato, um “fator externo” irá reconduzir os caminhos de Francisco, o futuro Professor. A nona parte da história, como vimos, é encerrada com a abertura de um parêntese; já a décima nona se inicia com o fechamento de um: “) Um dia apareceu por lá um padre, francês, o padre Marcelo, Marcelo.” (Ibidem, p. 159). Após duas horas de conversa, manipulada pelo padre, o pai retoma o trabalho no roçado e decide mandar apenas os filhos para a escola; quanto às filhas, não via justificativas para matriculá-las: “pra quê, pra aprender a escrever bilhete pra namorado?” (Ibidem p. 160). Dos onze filhos, quatro não sobreviveram, ficando: Francisco, Casimiro, Faustino, Tõe, Esmeralda, Isabel. Casimiro, o mais velho, resistiu, decidindo ficar com suas enxadas; assim, Francisco, Faustino e Tõe passaram a frequentar a escola, enfrentando seis léguas ida e volta todos os dias no selim de uma bicicleta, mas o único que deixou os olhos se engastalhar “pela floresta de letras e números” foi Francisco; os outros dois “eram péssimos, viviam para a bagunça” (Ibidem). Dois anos depois, padre Marcelo volta a conversar com o pai e o convence a levar Francisco para estudar no Seminário Nossa Senhora Aparecida, em Leopoldina. Nos dois primeiros anos de seminário, Francisco passava as férias no sítio, mas depois disso já não conseguia se entender com os pais e os irmãos: “já não pertencia àquele universo” (Ibidem, p. 161). O conhecimento do irmão o afastava cada vez mais da família e a solidão já se instalava. Algumas vezes a mãe foi visitá-lo no seminário, mas apenas ela, que se orgulhava em saber que o filho iria ser padre.

Não fui ao enterro [do pai de Francisco], não tive coragem de enfrentá-lo novamente, mesmo morto. Tinha vergonha? Tinha... ódio... Foi nesse dia que compreendi que já nada mais restava da família para mim. Meus irmãos estavam chafurdando na pobreza e na ignorância... E eu... mal e mal podia me considerar um privilegiado: tinha um teto, comida, roupa lavada... Estudava. Ia ser padre. Ia ser alguém na vida... Ilusão! Mal sabia eles que aquilo era uma perdição. Porque quanto mais conhecia, mais queria conhecer. E, quanto mais conhecia, mais infeliz me tornava... Sou um homem só... Um homem só

no mundo... Perdi minhas antigas referências, o sítio, meus pais, meus irmãos, a paisagem da minha infância... E não acrescentei nada a isso... O que resta do meu passado? Ruínas... Apenas ruínas... (Ibidem, p. 162)

Segundo Walter Benjamin (1994, p. 139), na obra de Kafka, há muitos indícios de que o mundo dos pais é idêntico ao mundo dos funcionários da justiça, sendo essa semelhança não um sinônimo de honra, mas de estupidez, degradação e imundície. Os pais e os funcionários (estes em cujas mãos há o poder diluído dos poderosos juízes) são figuras que punem, logo a culpa é o denominador comum entre eles. Os funcionários podem ser vistos como “gigantescos parasitas”, uma forma de sobrevivência; do mesmo modo, o pai sobrevive às custas do filho, sugando-o como parasita; e o filho, por sua vez, se considera vítima. No entanto, na concepção do “pecado original”, o pecador seria o filho, embora fique pendente a definição da acusação e da culpa. Na vida de Francisco, houve a atuação do acaso (por intermédio do padre), mas também seu interesse pessoal pelo mundo das letras; de qualquer forma, foram os seminários que garantiram sua sobrevivência no período da passagem do campo para a cidade.

A décima terceira parte também apresenta uma volta às origens com o olhar do Professor ainda mais marcado por ressentimentos e mágoas. Já a vigésima segunda parte vem toda ela representada em itálico sugerindo mesmo um lampejo de memória relativo a um episódio ocorrido na zona rural próximo a Guidoal (MG): a mãe de Francisco, quando criança, encontrara uns ovinhos de cobra debaixo da cama; e seu avô, imediatamente, tomou as providências quanto à tocaia e à eliminação da jararacuçu (assim identificada). A cobra com sentido de estorvo, temor e perigo é uma metáfora marcante em “O segredo” como vimos anteriormente (o conhecimento é a “cobra que criamos para nos picar”) e é utilizada como estratégia narrativa. Neste exemplo, serve como um elo entre a vigésima segunda parte e a próxima. Na vigésima terceira parte, o Professor questiona:

Seria pecado matar a cobra que tinha se instalado sob a cama? Não seria aquela a Serpente do Paraíso? Aquela cujo veneno o asfixiava pouco a pouco? E, se não tendo coragem para matar a cobra com suas próprias mãos, contratasse alguém para o fazer, seria pecado? (...) Quem pode saber? Deus não nos manda mensagens se estamos ou não no caminho justo. É o remorso que nos indica. É a culpa que nos suplicia. (...) Agora, não tinha mais dúvidas. Iria mandar sumir com a cobra. A cobra que ele mesmo empurrara para dentro de casa (RUFFATO, 2005, p. 166)

Para Benjamin (1994, p. 224), “articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como ele foi de fato’. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo”. O privilégio de despertar a esperança no passado é dom do historiador convencido de que os mortos não estarão seguros “se o

inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer” (Idem). Na narrativa de Ruffato, o Professor fixa uma imagem do passado como ela se apresenta no momento do perigo, sem mesmo ter consciência de todo o acontecido, pois, como vimos, é um fato ocorrido na infância da mãe da personagem.

Se no passado, a jararacuçu era uma ameaça em potencial, um perigo que estava por vir, mas que poderia ser liquidado pelo avô; no presente, a caninana já está instalada na casa do Professor, porque ele mesmo a trouxe para dentro de casa e não há ninguém para partilhar com ele uma decisão sequer, como o leitor pode ver na décima oitava parte: “(...) em que minha vida se transformou... Mas eu busquei isso... Eu sou culpado Onde, meus livros? Não tenho espaço dentro da minha própria casa! (...) Ela me sufoca. Quer me matar aos poucos... Vou deixar?” (RUFFATO, 2005, p. 158)

Trata-se de Silvana, a cobra personificada no presente. Silvana, “a menina, a moça” que chega pela primeira vez à casa do Professor com um “par de conga<sup>1</sup> azul-marinho velho”, uma “bolsa de pano-de-saco alvejado em água sanitária com alças enfeitadas por sianinha vermelha”, “olhos inquiridores cor de vinagre” e “um corpo que mal se amolda dentro de um vestido de fazenda ordinária”. (Idem, p. 127, segunda parte). Silvana passa a trabalhar na casa após a morte de sua mãe, Dona Conceição, empregada que, há aproximadamente quinze anos, cuidava dos “cinco ternos de tergal, rigorosamente idênticos na cor, no tempo de uso, no caimento” (Ibidem, p.128), das gravatas e de todos os outros detalhes da rotina do Professor.

Incomodado com a alteração da rotina doméstica e com os dois dias de falta da assídua empregada, ele decide ir (pela primeira vez) até a casa dela, no Beco do Zé Pinto. A decisão de prestar ajuda à Silvana (registrada em forma de pensamento – em itálico na passagem abaixo) pode ter sido motivada pela observação do estado de miséria da família, por um sentimento de culpa pela falta de interesse e conhecimento sobre a vida da empregada, em tantos anos de convivência, ou até mesmo por precisar de uma nova ajudante em casa.

O Professor acompanhou-o [Zé Pinto] atordoado. (...) Uma cortina de brim azul tampava um buraco escavado na parede do porão. (...) ‘Era aqui que ela morava’. E levantando os olhos para o teto, emendou: ‘Que Deus lhe dê um

<sup>1</sup> Os espaços nesta história são bem explicitados, mas o tempo e a condição social das personagens estão implícitos nas pistas, nas figuras que remetem o leitor às décadas de sessenta e setenta do século XX, como: conga azul marinho, vitrola, eletrola, ternos de tergal, jipão da polícia, bicicleta Gulliver, Vemaguete entre outras.

bom lugar'. (...) Quando a vista se firmou, divisou um cômodo minúsculo (...) "E... ela deixou... deixou alguém? Alguém da família?" "Ah!, ela morava sozinha com uma filha... A Silvana." *Preciso ajudar essa moça... Tenho que fazer alguma coisa por ela...* (...) .Onde ela está?" (Ibidem, p. 164. Grifo do autor)

Ao aceitar Silvana em sua casa, uma série de consequências negativas se abate sobre o Professor, mas o motivo central das supostas desavenças não é apresentado explicitamente ao leitor; ao contrário, o segredo fica subentendido no uso constante de reticências e falas entrecortadas ao longo do texto fragmentado, sugerindo ora um deslize do Professor ora atitudes vingativas de Silvana. São sugestões e nenhuma comprovação.

Afastado da própria família por falta de adaptação ao mundo da miséria, o Professor acaba convivendo na própria casa com uma pessoa de perfil bem distinto do seu. É possível aproximar o Professor a Kafka, "o rapaz que saiu de casa para aprender a ter medo. Ele chegou ao palácio de Potemkin, mas acabou encontrando em seu porão Josefina, aquela ratinha cantora (...)" (BENJAMIN, 1994, p.. 144). Graças à facilidade de Kafka em retratar a vida dos animais, Josefina é vista como um ser ativo, de infância breve e pobre, de uma felicidade perdida e irre recuperável, de pequenas alegrias reais e incompreensíveis. Quanto à presença da ajudante Silvana na casa, existem elementos complicadores. O Professor fica completamente desestabilizado e a preocupação com sua reputação social faz das críticas e dos julgamentos um fardo ainda mais pesado a ser carregado.

Os desligamentos do Professor do colégio e do jornal são consumados. Infere-se que circunstâncias nas esferas educacional, social e política podem ter pesado nas decisões; portanto, os desligamentos podem ter acontecido não apenas por vergonha e por aspectos autopunitivos do protagonista. Na décima parte da história, o Professor atribui culpa a Silvana por ele ter abandonado a sala de aula, literalmente, após uma desavença com os alunos (uma aula interrompida por cochicho, riso reprimido e uma gargalhada histérica), o que pode acontecer com qualquer profissional da educação, não apenas neste contexto analisado.

O desligamento do quadro de professores do renomado Colégio Cataguases é negociado, de fato, na décima parte. O diretor Guaraciaba dos Reis, tentando disfarçar o constrangimento, menciona a "situação" e as providências a serem tomadas mediante a "demissão"; e o Professor, calado e confuso, procurava mentalmente explicações e tentava culpar, como dissemos, a moça, Silvana. A demissão pode ter tido como causa

imediate a ocorrência indisciplinar dos alunos, a qual o Professor não soube contornar, a mania de perseguição social, da qual ele não sabia se livrar, ou das conveniências do diretor Guaraciaba dos Reis, porta-voz da instituição, Colégio Cataguases.

O descaso foi um tanto disfarçado quando do desligamento do jornal *O Cataguases*, onde Francisco Pretti escrevera textos de diversos gêneros durante anos. O redator-chefe, advogado doutor Divaldo Antunes Sobrinho, procurou aparentar solidariedade, dizendo que quem perderia com a saída do Professor do “modesto hebdomadário” é o próprio jornal e toda a sociedade. Fato é que os redatores tinham trocado muitas experiências, compartilhado descobertas e confidências, mas o advogado tentava dizer ao colega que naquele momento não poderia lhe prestar ajuda, em hipótese alguma. Ainda, segundo doutor Divaldo Sobrinho, a Câmara Municipal de Cataguases conferiria ao Professor o título de Cidadão Honorário, mas este e outros projetos não se concretizaram. Além da falta de reconhecimento pelo trabalho, outros tipos de injustiça foram cometidos, como o sumiço do livro de sonetos, cujos rascunhos foram entregues pelo Professor a um aluno da Escola de Datilografia e Estenografia da Rua do Comércio.

Doutor Divaldo tinha razões pessoais e políticas para se sentir aliviado com o desligamento, pois a presença do Professor na redação do jornal já se tornara uma inconveniência: “a oposição poderia acabar por transformá-la em arma contra o prefeito...” (RUFFATO, 2005, p. 146)

Assim, o Professor se sentia completamente arruinado, um vencido. Tornou-se um ex-professor, ex-colaborador do jornal e ex-seminarista. Embora tenha frequentado os seminários das Dioceses de Leopoldina e Juiz de Fora, abandonou a carreira eclesiástica, por conta de um questionamento feito pelo padre-reitor, segundo o qual, ao receber os sacramentos da igreja, a vida seria de renúncias de todos os prazeres reais ou imaginários, materiais ou imateriais: “Uma decisão difícil... A partir de então você não dirigirá mais sua vida” (Idem, p. 137). O Professor não correspondeu, então, à expectativa da mãe, não se tornou um padre.

Ao aproximar os textos de Coetzee, Graciliano, Clarice e Kafka, Lucia Helena afirma que a presença do inconcluso, do duplo e da ambiguidade transforma em problema os temas exclusão, errância e exílio e constitui a ficção como um desassossego “em face da trajetória de personagens que vivenciam o drama de uma

existência em meio a pressões de toda uma ordem numa sociedade conturbada.” (HELENA, 2010, p. 126)

Uma considerável parcela das personagens operários de Ruffato migra de Cataguases (e de seu entorno) para centros urbanos maiores em busca de saídas, rumo a prosperidade. Não sendo operário, o Professor foge um pouco a essa prática. O conhecimento e a cultura letrada afastaram-no do convívio na zona rural com a família, não o obrigando ao enfrentamento das adversidades nas grandes metrópoles; no entanto, não garantiram sua inclusão satisfatória na cidade de Cataguases. Guardando as especificidades, ao ler Ruffato, torna-se possível pensar em Coetzee, Clarice, Graciliano e Kafka, sobretudo no que se refere à submissão do homem à violência em situações de crise.

Se a falta de esclarecimento erudito de Macabea, Floriano e Michael K. pode distanciá-los do Professor Francisco Pretti, a amargura da exclusão os aproxima, como também a conflituosa passagem do campo para a cidade e, em alguns casos, a saída por meio da morte. Embora o Professor seja oriundo de uma família proprietária de um pequeno pedaço de terra “herdada” (o que a princípio o distingue das demais personagens citadas), isso já não lhe serve mais, como se mostrou também de pouca serventia, ironicamente, a dominação dos códigos instituídos pela sociedade.

Quanto à aproximação específica com Josef K., a abordagem da décima sétima parte da história é ainda mais esclarecedora. Se não houvesse a sugestão de um sonho (ou pesadelo?), esta parte constituiria um interessante exemplo do realismo mágico: inicialmente, ocorre a detenção do Professor enquanto repousava numa tarde de domingo no Horto Florestal. Sem apresentar explicações e numa atitude bem típica dos anos da ditadura militar brasileira, três policiais acompanhados de uma mulher, Silvana, algemam e empurram o Professor para o “jipão da polícia”, levando-o para o alto do coreto da Praça Rui Barbosa, onde passa a ficar sentado numa cadeira de metal. O julgamento não acontece em galerias estreitas dos tribunais nem nas salas esfumaçadas como nas descrições de *O processo*, mas a sensação de claustrofobia está sempre presente nesta história de Ruffato. Diante da multidão irrequieta, o juiz de direito inicia o julgamento:

“Povo de Cataguases! (...) Para que tudo seja feito observando os mais elementares princípios do Direito, peço a todos a colaboração irrestrita no decorrer do processo” (...) “À minha direita, o réu, conduzido sob vara, já que, instado inúmeras vezes a comparecer diante da autoridade competente, não o fez”. (RUFFATO, 2005, p. 149)



Excetuando a abstenção do bispo, todos (juiz de paz, presidente da Junta Militar, diretor do Colégio Cataguases, delegado de polícia e o promotor público) pediram (ou exigiram) a pena máxima para o réu, diante da “turba” que ora gritava ora ameaçava invadir o coreto. O juiz de direito retomou a palavra, pedindo que se pronunciasse quem estivesse disposto a testemunhar a favor do réu. O professor decidiu levantar a cabeça para tentar identificar na multidão pelo menos o rosto do doutor Divaldo Sobrinho (do jornal), do amigo Geraldo da Farmácia – “eterno candidato a prefeito pela oposição” (Idem, p.145) –, de um parente, de um ex-aluno ou mesmo de alguém que pudesse explicar aquele equívoco. Não havendo comprometimento nem envolvimento de nenhum cidadão diante do caso, o juiz prosseguiu o julgamento questionando o réu:

- Senhor Francisco Pretti: o senhor se declara culpado ou inocente?

O Professor, levantando-se com dificuldade, a perna esquerda dormente, tomou o microfone:

- Meretíssimo Senhor Juiz. Senhoras e senhores. Quem, entre nós, pode gabar-se, nos dias que correm, sem ofender a Deus, de sua inocência? (Ibidem, p.155)

Declarada a sentença, as luzes da cidade foram apagadas, e a multidão com velas acesas nas mãos formou um corredor; os guardas substituíram as roupas do Professor por uma túnica branca estampada por um triângulo amarelo na altura do peito; o número 666 foi marcado, a ferro em brasa, no antebraço esquerdo (no Apocalipse, a marca fica no direito); no ombro direito foi assentada uma enorme cruz de madeira; e, sob vaias, gargalhadas e chicotadas (com bolas de chumbo nas pontas do chicote), iniciou-se a marcha.

Na Ponte Nova, já com joelhos esfolados e um dente incisivo quebrado e após um espancamento dos guardas, não conseguindo se levantar, o Professor é socorrido por um velho que lhe passa uma toalha felpuda pelo rosto (uma alusão ao gesto de Verônica no martírio de Jesus Cristo). Trata-se de Simão, “o pracinha louco da Praça da Estação” (Ibidem, p.157). Ao ver o velho sendo afastado, o Professor tenta, mentalmente, se redimir da culpa de nunca ter conversado com Simão, como a grande maioria dos cataguasenses, também por nunca ter perguntado a ele sobre a campanha da Itália e a sobrevivência “por entre as rochas cobertas de neve daquele distante e inatingível Monte Castelo...” (Ibidem).

Chegando ao Bairro Jardim (bairro marcado pelo conjunto de casas onde habitavam os operários da Companhia Industrial), a morte é então consumada:

Ao chegar ao alto do morro, na caixa d’água, os guardas tomaram a cruz, enfiaram-na num buraco previamente escavado, chumbaram-na com pedra,

areia e cimento. Fixaram suas mãos e pés no madeiro com longos cravos, e ergueram-no.

A multidão aos poucos se dispersou. Agora, era aguardar a morte por asfixia. O Professor ficou só, o silêncio e a escuridão... Fechou os olhos.  
*Consumatum* (Ibidem, p. 157. Grifo do autor)

Esta décima sétima parte, a do relato de um sonho, apresenta intertextualidade relativa não apenas à morte de Jesus Cristo, mas também à de Josef K. Outra relação intertextual com *O processo* de Kafka é o contrato firmado entre o Professor e um matador de aluguel residente em Caratinga (MG). É um dos episódios finais da história “O segredo” que na verdade vem toda fragmentada e intercalada por reminiscências da infância e indícios do fracasso da vida adulta (como procuramos demonstrar na reconstrução apresentada nesta análise). Na vigésima terceira parte, o Professor está em Caratinga, para combinar com o matador a morte de Silvana – a “cobra que tinha se instalado sob a cama”, a “Serpente do Paraíso”, “Aquele cujo veneno o asfixiava pouco a pouco?”, “a caninana”, “a cobra que ele mesmo empurrara para dentro de casa” (Ibidem, p. 166).

Não ter sido solidário em nenhum momento da vida com Simão (o ex-pracinha) e com Dona Conceição, não ter angariado o amor dos irmãos, não ter seguido a carreira eclesiástica, não ter conquistado o respeito dos alunos e da população cataguasense e não saber lidar com seus desejos sexuais são algumas das muitas culpas que corrói o protagonista. Talvez a culpa máxima, imediata, a que o levaria ao pesadelo do julgamento, refere-se à intenção de planejar o assassinato de Silvana. A difícil negociação é marcada pelas dúvidas do Professor e os “princípios” do matador:

“O serviço?” Matar é pecado. Mas a bíblia está cheia de casos *O serviço* (...) *O serviço?* “O senhor... o senhor garante o... o... serviço?” O rapaz, o homem jovem, nem trinta anos, alterou-se, não estava gostando daquele silêncio. “O senhor vai me adesculpar, mas isso para mim é ofensa... (...) Tenho nome! Sou um oficial... (Ibidem, p. 167. Grifos do autor)

Os planos entre os negociantes são alterados pelo fato de o “oficial” não matar mulher, ficando então decidido que o homem que mora com ela é que será executado, ou seja, um pacto perverso em que se instala a crítica à banalização do mal.

“Bem, então... estamos conversados... É uma moça...” “Moça? Mulher? De jeito nenhum, mulher eu não mato.” “Não?” “Não. Mulher dá muito trabalho... (...) “Opção?” “É, um outro jeito de resolver o problema... (...) O rapaz acendeu outro cigarro. “Que jeito?” “Essa moça... essa... que te falei... ela... ela mora com um homem... um senhor... então... então a gente troca... ao invés de... de... de dar um jeito nela... a gente...pode...dar um jeito... nele... entende? A gente esquece ela... e...” “Por mim, tudo bem. E assim o patrão também não perde a viagem, não é mesmo?” “É verdade... é isso mesmo... não perco...” (Ibidem, p. 168)

Segundo Helena, Michael K., de Coetzee, é uma peça inadequada ao sistema do mal, porque mesmo instalado neste sistema, não contribui para ele. Da mesma forma, Josef K. e Professor Pretti não parecem culpados, “ou seremos todos culpados, como nas Escrituras, após perder o paraíso da origem? De que paraíso e de que origem falariam as escritas de Kafka e de Coetzee? Elas falam disso?” (HELENA, 2010, p. 138)

As personagens a que nos referimos são focalizadas na ótica da perda, da lacuna, do resíduo e da ruína; são seres cuja matriz nos remete a Dostoiévski, para quem a questão da culpa é trabalhada numa circunstância que envolve o social e o individual. Ainda para Helena, emergem daí núcleos como a personagem torturada, a escrita em fragmentos e a repetição, a náusea, permanente tensão entre o bem e o mal e outros elementos também presentes na narrativa de Ruffato.

Retomando o propósito do Professor, vimos que ele, no seu profundo silêncio, voltando da cidade de Caratinga, começa a se preparar para o dia de sua morte, que vem sempre anunciada no texto pela dúvida sobre qual música escolher para tocar em seu velório – de “Bach! Ou Beethoven?”. – dúvida que é diluída na primeira, segunda, quinta, sétima, décima segunda, décima sétima e vigésima quarta parte. E pela chegada do matador, sempre marcada pelo cheiro da fumaça do cigarro, na décima e décima segunda parte.

Também ao estilo kafkaniano, o Professor pretende morrer num sábado e ser enterrado numa tarde de domingo para que ninguém precisasse perder o dia de trabalho, ainda que não desejasse muitas pessoas no velório (mais uma ironia de Ruffato). O assassinato aparece logo na primeira parte da história, em que o Professor está em sua casa simples:

O Professor caminha em direção à chapeleira, mira-se no espelho, arruma o nó da gravata, compõe melhor o paletó, passa os dedos longos e secos pelo cabelo grisalho, batem à porta, o coração descarrila, gotículas de suor espalham-se pela calva, um oco no estômago. As mãos desorientam-se. Nervoso, troca o disco. O violino da Chacona da Partita número 2 de Bach, desesperado, tenta sobrepor-se à arruaça. Batem à porta, com força. Os sapatos avançam com dificuldade sobre os tacos encerados. Batem à porta, esmurram-na (...) Gira a lingueta da fechadura, a luz se vai, o vento esbofeteia seu rosto, um relâmpago trinca o céu de carvão, cinco – um trovão – pedaços de chumbo cravejam seu corpo, alguém se afasta chapinhando os pés nas poças, a escuridão, a luz, uma nuvem de enxofre, filetes de sangue, a música... (RUFFATO, 2005, p. 126)

Uma parcela desse fragmento é repetida na sequência, na segunda parte, em que o Professor está também “à espera” de alguém; mas desta vez quem bate à porta e entra

na casa, pela primeira vez, é Silvana (como já mencionamos anteriormente). Na décima segunda parte, o fragmento é retomado em partes: o Professor está à espera de alguém, sente um cheiro de cigarro, olha pela veneziana, avista uma brasa vermelha e pelo cheiro do cigarro presume que seja Silvana. Mas ouve apenas passos apressados de uma pessoa que sai. Ou seja, as partes I, II e XII representam a espera pela morte e, como em obras literárias de mistério e de suspense, o cheiro do cigarro é uma pista fundamental, sendo que fumar era hábito tanto do “matador de Caratinga” quanto de Silvana.

Como o foco narrativo da história é dividido entre a voz de um narrador onisciente (em terceira pessoa) e o ponto de vista do Professor (em primeira pessoa, uma de fluxo da consciência), cabe ao leitor a tarefa de acompanhar a complexidade das provas e das contraprovas apresentadas. Infere-se, no entanto, que tanto o Professor como Silvana tentam se livrar um do outro; são reféns de si mesmos, vítimas de um sistema instituído que os lesa e os consome.

Ainda segundo Benjamin, o mundo primitivo apresentou a Kafka o espelho da culpa, onde o escritor viu o futuro em forma de tribunal. A forma de representar este tribunal é questão importante, mas “Seria o julgamento final? O juiz não se converte em acusado? A punição não está no próprio processo? Kafka não respondeu a essas perguntas. Veria alguma utilidade nelas? Ou julgava preferível adiá-las?” (BENJAMIN, 1994, p. 154).

A exclusão e a pressão familiar atingem, em diferentes espaço e tempo, Josef K., Fabiano, Macabea, Michael K. – e nesta condição incluímos o Professor –, personagens indefesas, seres “condenados à precariedade e à morte por instâncias invisíveis de uma burocracia estatal cruel que, eficiente na segregação, mostra-se bastante ineficaz para proteger e valorizar a cidadania” (HELENA, 2010, p. 128).

Professor Francisco Pretti é culpado ou inocente? Quem pode gabar-se de sua inocência? Buscar respostas a esta questão não foi o objetivo primeiro desta reflexão, mas é o ponto de partida para recuperar a trajetória de seres humanos envergonhados, iludidos e “diminuídos” ante o totalitarismo, a burocracia estatal, como foi dito, ou as promessas inerentes ao processo de modernização da segunda metade do século XX (como é o caso de *Inferno provisório*, de Ruffato).

Procuramos elucidar a universalidade do texto de Luiz Ruffato – o mineiro de Cataguases, de origem humilde, ex-professor e ex-jornalista (por opção) –, que falando de se sua própria aldeia, com consciência individual e coletiva, de uma forma não



panfletária, consegue aproximar, ficcionalmente, uma personagem de uma única história a outras citadas que, mesmo não sendo contemporâneas, carregam a dor da incerteza, da ruína e nem sempre vislumbram a “saída” e a esperança.

## REFERÊNCIAS

BARRETO, Francismar Ramírez. *Uma fábula no compasso da História: estudo para Inferno Provisório* em seis atos, 2012, 501 f. Tese. (Doutorado em Literatura e Práticas Sociais) Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília.

BENJAMIN, Walter. Franz Kafka. A propósito do décimo aniversário de sua morte. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasilense, 1994, p. 137-164.

\_\_\_\_\_. Sobre o conceito de história. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasilense, 1994, p. 222-232.

COETZEE, Jonh Maxwell. *Vida e época de Michael K*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

HELENA, Lucia. Estranhos no ninho. In: *Ficções do desassossego: fragmentos da solidão contemporânea*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2010, p. 75-82.

KAFKA, Franz. *O processo*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. 15 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

OLIVEIRA, Marcus Vinícius Ferreira de. *Tecido em ruínas: fabricação e corrosão das Cataguases no Inferno Provisório* de Luiz Ruffato. São Paulo: Intermeios; Cataguases: Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, 2013.

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. 45 ed. São Paulo: Record, 1980.

RUFFATO, Luiz. *Mamma, son tanto felice*. Rio de Janeiro: Record, 2005. v. I – *Inferno provisório*.